



**O Conhecimento que Leva a
Fogueira
- Um Tributo a Giordano**

Autor: Sérgio Peixoto Mendes¹

Um castiçal de ouro refletia o cerimonial de aparente beleza. Vozes entonavam cantos na forma de mantra capaz de agradar e, ao mesmo tempo, repelir a própria divindade. Seguia pela ladeira o ritual carregando consigo a ortodoxia escolástica sob à luz de velas prestes a se apagarem. O calendário humano assinalava o ano de 1.600, e a procissão seguia. O ritual bonito buscava agradar uma divindade transcendente, cobrindo a ignorância, o preconceito, o dogma e a intolerância.

Os fiéis eram os mesmos que outrora haviam escolhido o filho do carpinteiro para carregar suas cruzes. Em suas exaltações continuavam imponentes e pretensiosos. As recentes descobertas marítimas, Índia e América, quase nada significavam. A preocupação maior dos comandantes do cortejo não era com o novo e sim com a manutenção, a qualquer preço, da tradição. Por isso sacrificavam a individualidade criadora para conservar o poder, verdadeiros trabalhadores da inércia. O conflito era o mesmo da época do divino rabino: um passado que se recusava a morrer.

Mas o progresso impõe-se e então as velhas regras desabam e era justamente isso que preocupava os escolásticos. Os rigores da moral agostiniana não eram mais obedecidos com tanta facilidade e, com isso, estavam enfraquecidas as regras do cristianismo. Algumas transformações estavam ocorrendo com o pensamento científico e filosófico. A visão de mundo não poderia mais permanecer a mesma após as recentes descobertas de Copérnico (1473-1543), onde o heliocentrismo opõe-se ao teocentrismo. O interesse pela natureza acentua-se e o mundo passa a ser novamente objeto de estudos, deixando de ser o terreno mundano de provas e expiações. O homem se autovaloriza pois, assim, parece querer a divindade. Mas eles, os conservadores, nada percebiam além de seu limitado horizonte e pretendiam manter a qualquer preço a verdade fornecida pelos teólogos e filósofos da idade média.

A revalorização do homem, como ser capaz de criar o seu próprio projeto de

¹ Texto extraído do livro – Gestão do Conhecimento Individual – Editora Visual Books – 2005.

vida, surge naquele meio através da filosofia humanista de Erasmo (1465-1536) e de Thomas More (1478-1535). Aparecem também as visões céticas de Montaigne (1533-1592) que negava toda a possibilidade do homem conseguir conhecimentos estáveis colocando, assim, a certeza no terreno das coisas inalcançáveis. Não se pode deixar de citar as reformas propostas por Lutero (1483-1546) e Calvino (1509-1564) que provocaram acentuadas transformações religiosas.

Basta um pouco de reflexão para se constatar a impossibilidade das transformações ocorrerem sem conflito. É realmente necessário que algo entre em derrocada para que se estabeleça o novo? A implantação do novo, geralmente, não ocorre fora do campo de luta, algumas ideológicas, outras sangrentas. Os tradicionalistas sentem-se ameaçados, reagem e enfrentam as inovações, as vezes com violência e morte. É assim que os representantes de uma nova mentalidade, na maioria das vezes, se tornam mártires. Aparecem como verdadeiros destruidores de barreiras e muralhas, algumas delas já carcomidas pelo tempo. O sujeito levanta-se das massas, cresce no seu interior e cumpre o plano maior do progresso, algumas vezes de forma inconsciente. Outros, com persistência e com coragem, enfrentam os manipuladores da força, os mesmos que ainda não haviam percebido que a força é insuficiente diante do tempo de mudanças.

É neste cenário de luta que aparece Giordano Bruno. Nascido em Nola (Itália) em 1548, estudou e doutorou-se em teologia no convento napolitano de São Domingos. Durante seus estudos, deixou-se impressionar particularmente por Lúlio (1233-1315), por Copérnico e pelo divino Cusano (1401-1464) que de alguma forma o levaram a afastar-se da ortodoxia católica.

As estrelas nascem e aqui estamos diante de uma supernova. Outrora o que era inferno passa a não ser mais. O céu continua em seu infinito curso a mudar de lugar e, com isso, distancia-se dos homens involuídos, os mesmos que tentaram deter o fluir das coisas sem perceber o que faziam. O poder infinito tira das entranhas do velho, o novo, numa metamorfose sofrida por culpa dos dogmáticos. A queda do castiçal de ouro parece ser iminente, suas pequenas velas tremem e podem ceder lugar ao sol da individualidade criadora dos mártires.

O filósofo de Nola balança o castiçal sabendo que seria odiado e censurado por tal atitude. Sua descoberta filosófica era contrária a corrente de pensamento da época. Para ele, submeter-se aos valores da época é digno de mercenários e escravos, por isso empenhou-se na luta contra a ignorância, o preconceito, o dogma e a

intolerância. O sistema teológico-filosófico da época tinha base na astronomia de Ptolomeu, em que a terra era o centro do universo, um ponto imóvel e privilegiado. Ela era o centro do movimento circular uniforme impresso por Deus aos corpos celestes. Esta visão de mundo não agradava Bruno, principalmente a concepção de um deus transcendente. A esta concepção ele contrapôs as descobertas astronômicas de Copérnico, que eram bem contrárias à concepção vigente.

Bruno teve o mérito de perceber as implicações filosóficas oriundas desta descoberta de Copérnico passando então a defender o astrônomo polonês dos ataques dos doutores da época. Mas ele, foi muito além disso ao minar algumas velhas barreiras, abrindo novos espaços para as novas descobertas da ciência.

Contra os Peripatéticos

As indisposições de Bruno para com a filosofia de Aristóteles parece uma vingança de Heráclito, que na opinião de Aristóteles não passava de um poeta não comprometido com a verdade, obscuro e sonhador; que passa a impressão de possuir um certo grau de loucura. Afinal, quem em sã consciência afirmaria que as coisas são e não são ao mesmo tempo?

Apoiando-se nas descobertas copernicanas e possivelmente nas influências de Cusano e Lúlio, Bruno afirmava que o “universo é um todo no qual nada é imóvel nem mesmo a terra” tornando-se partidário da filosofia de Heráclito, por consequência se posicionando contra o princípio de não contradição aristotélico. O mundo não é, como pretendia Aristóteles, estático e hierarquizado. O mundo é um eterno fluir, um puro devir e, conseqüentemente, em eterno movimento. Naturalmente estas idéias vão de encontro com os escolásticos, pois elimina a divindade transcendente, assim como a teoria do primeiro motor-imóvel defendida por Aristóteles como sendo a causa do movimento de todas as coisas. Este aspecto das duas filosofias aqui estudadas parece ser o mais importante, acentuando as duas posições extremamente contrárias dos dois pensadores.

A matéria carrega dentro de si a própria divindade e isto constitui a visão panteísta do pensador italiano. Deus não está separado da sua criação, como queria a ortodoxia aristotélica-tomista. Deus é imanente ao universo e idêntico a ele, não seria um criador mas o próprio mundo, o que torna a natureza divina. "A terra não é o centro privilegiado do universo e existem inumeráveis mundos habitados" dizia Bruno. No entanto, o homem é um ser especial que reflete em si a totalidade do universo e é capaz

de penetrar-lhe todo o segredo. Esta afirmação está de acordo com as idéias humanistas da renascença. Já a primeira traz a influência forte de Lucrecio em sua filosofia.

O monismo materialista, visto no início do parágrafo anterior, não foi uma descoberta de Bruno. No oriente, na antiga religião jainista, também não havia a dualidade espírito-matéria. O que há, na visão do jainismo é matéria espiritual, espírito materializado o que significa, em outras palavras, o animismo de Bruno. Estas idéias vão de encontro aos peripatéticos, aos ortodoxos que vêem deus como transcendente, fora da criação, o que implica a idéia de um deus criador que cria fora dele mesmo. O professor italiano Pietro Ubaldi retoma mais tarde este tema em sua obra *A Grande Síntese* (1988), onde afirma também que Deus não poderia criar fora dele mesmo. Portanto, segundo esta concepção monista, Deus não é um criador mas a própria criação. Este pensamento está de acordo com a maioria das doutrinas orientais e também, é óbvio, com a filosofia de Heráclito.

Ainda outras questões merecem destaque. Numa citação literal de Bruno na obra *Sobre o Infinito, O universo e os Mundos*, colocadas no dialogo primeiro na boca do personagem Filóteo, ele diz o seguinte:

"Eu considero o universo todo infinito porque não possui limite, nem termo, nem superfície; digo não ser o universo totalmente infinito porque cada parte dele que possamos pegar é finita, e cada um dos inúmeros mundos que contém é finito. Digo que Deus é todo infinito; porque exclui de si qualquer termo, e cada um dos seus atributos é uno e infinito; e digo que Deus é totalmente infinito, porque está inteiramente em todo o mundo, e em cada uma de suas partes, infinita e totalmente: ao contrário da infinitude do universo que reside totalmente no todo e não nas partes".

Pode-se observar, na citação acima, mais algumas críticas à filosofia aristotélica, em que ele deixa transparecer que Aristóteles preocupou-se muito com as partes e esqueceu-se do todo. No método, na hierarquização do mundo, Aristóteles criou uma filosofia que simboliza tudo que é morto e seco no universo. Tomando para objeto de análise a parte finita, ele encontra dificuldades para explicar o todo; o que o leva a uma contradição do tipo motor-imóvel.

O fato é que para explicar a origem do movimento e a transformação da potência em ato, Aristóteles acabou encontrando o transcendente. Mas, pode o ensinamento da verdade ser transmitido mediante e tão somente através da lógica? Não. É necessário em determinados momentos recorrer aos paradoxos, aos símbolos e às imagens. Aristóteles parte da lógica e chega na dialética, no paradoxo, ou melhor, nos

pares de opostos (motor-imóvel). Isso demonstra claramente o que afirmava a filosofia clássica, especialmente Platão, que a tarefa única e verdadeira da filosofia transcende o poder e a função da razão.

A idéia de que a verdade subjacente dos pares de opostos está além da lógica também foi defendida mais recentemente pelo filósofo e guru Rajneesh (1995). Numa passagem do seu livro *A Harmonia Oculta ele diz*:

"Aqueles que sabem sempre falam através de paradoxos. Para evitar paradoxos você pode criar teorias nítidas e claras, mas serão falsas, não serão verdadeiras em relação à vida".

Bruno era verdadeiro em relação a vida.

No diálogo quinto da obra *Sobre o Infinito O Universos e os Mundos*, Bruno diz por meio de Filóteo, o seguinte:

" Ele (Bruno) é adversário das doutrinas comuns, não por serem doutrinas ou por serem comuns, mas por serem falsas. Odiado pelas academias, porque onde existe dessemelhança não existe harmonia; homem combatido porque a multidão é contrária àquele que se coloca fora dela; e quem se põe no alto torna-se alvo de muitos" .

Isto prova o quanto repudiava o sistema teológico-filosófico-aristotélico-tomista. De certa forma, encontra-se nos textos do pensador italiano muitas passagens onde ele despreza o pensamento do seu tempo, posicionando-se sempre contrário ao mesmo. Em outros pontos encontramos palavras verdadeiramente proféticas e premonitórias em relação ao seu próprio futuro. Demonstrando muita coragem, virtude característica dos mártires, ele afronta as idéias de seu tempo colocando-se no alto, como ele mesmo afirma. No entanto, logo abaixo dele arde a fogueira histórica.

No parágrafo anterior, pode-se perceber claramente o quanto a vida e a existência são paradoxais e também o quanto Bruno valoriza a idéia de que "é extremamente falso que os contrários estejam afastados ao máximo, porque em todas as coisas eles vêm naturalmente juntos e unidos, não consistindo o universo, seja nas partes principais, seja nas outras secundárias, senão em tal conjunção e união". Sua trajetória foi o próprio exemplo da presença dos contrários juntos. Através dos opostos, através da tensão, tudo vive e torna-se mais profundo. O pico só é belo porque existe o vale, Heráclito sabia disso, o filósofo de Nola também, porém Aristóteles, não.

A evidência de que sua filosofia era opositora a dos peripatéticos, torna-se mais acentuada no diálogo quinto, quando Albertino diz: " É opinião do comentador Averróis, e de muitos outros, que não se pode saber o que Aristóteles ignorou". A isto

Bruno responde através de outro personagem, Elpino, da seguinte forma:

" Ele e toda essa multidão tinham uma inteligência tão mesquinha e sua ignorância era tão profunda, que por mais alto e mais claro que pudessem enxergar, ali estava Aristóteles. Contudo, se estes e os outros, quando emitiam semelhante sentença, quisessem falar com mais rigor, deveriam dizer que Aristóteles é um Deus, segundo o parecer deles; e isso não tanto para enaltecer Aristóteles, quanto para justificar a própria ignorância; sendo a sua opinião como a da macaca, que julga seus filhos as mais belas criaturas do mundo e seu macaco o mais lindo macho da terra".

A valorização do homem, do novo, da liberdade, é evidente na filosofia libertadora aqui apresentada.

Ainda com referência ao quinto diálogo é nele que fica evidente que o aristotelismo é doutrina contrária a de Bruno, encontramos Albertino um personagem peripatético, dotado de inteligência mais feliz e assim facilmente reconhece o erro e se corrige. Este novo interlocutor apresenta doze argumentos em que encerra toda a convicção contrária a pluralidade e multidão dos mundos, propostas por Aristóteles. Todos os argumentos são contrapostos, desfila-se assim uma filosofia que desperta os sentidos e satisfaz o espírito, enaltece a inteligência e reconduz o homem à verdadeira felicidade que ele pode ter como homem e que é relativa a sua natureza. Assim, o homem liberta-se da constante preocupação com os prazeres e do cego sentimento das dores, desfrutando a existência no presente, temendo menos ao esperar o futuro. Sua filosofia vem trazer o alerta de que somos habitantes do cosmo, e que este cosmo é, como tudo, bom. Assim, tudo é bom, pelo bom e para o bom; do bem, pelo bem e para o bem.

Com esta filosofia o mundo deixa de ser mundano, deixa de ser o inferno das provações para ser o verdadeiro céu. Diz Bruno:

"O contrário disto aparece unicamente aquele que só percebe o estado presente, como a beleza de um edifício não se manifesta ao que olha apenas uma parte mínima dele, como uma pedra, um pedaço de cimento, uma meia parede, mas principalmente ao que pode ver o conjunto e que tem capacidade para fazer comparações entre as partes".

Sua filosofia propõe a liberdade, pois se não nos libertarmos da tutela de um tão rico possessor que ao mesmo tempo é avaro doador não nos será possível desfraldar a infinita abundância das coisas.

A opressão escolástica recebe então o golpe fulminante, pois sem o temor seu

deus é ineficaz e desprezível. Sem a idéia do pecado, sem a idéia da culpa, o homem não precisa da divindade. E isto pode enfraquecer o poder da casta sacerdotal, das religiões exploratórias que, essencialmente, utilizam o medo como artifício. Bruno era realmente um problema para os escolásticos.

Milhares de universos habitados, com Deus presente em todas as coisas e a liberdade de pensamento são algumas idéias que fizeram de Giordano Bruno um herege. Aos detentores do poder divino na terra restou então o uso da força. Só ela poderia calar aquele homem livre. E, em nome de um deus vingativo, da manutenção do poder e mesmo em nome da "verdade", que deveria ser preservada, surgiram as fogueiras. Fogueiras da santa ignorância.

Considerações Finais Sobre a Filosofia de Bruno

A filosofia monista/humanista não só balançou o castiçal de ouro, como também ofuscou seu brilho e reflexo, demonstrando àqueles que o carregavam que o ouro é apenas aparente e que, mesmo as fogueiras, não queimam tudo. A luta pessoal de Bruno contra os peripatéticos estendeu-se à humanidade, ganhou o espírito reflexivo. Sobre este aspecto já afirmava Heráclito com muita propriedade: “da discórdia nasce a mais bela concórdia”, e que por trás do conflito encontra-se a mais bela harmonia. Esta harmonia oculta é ainda melhor que a harmonia aparente. Como o arco e a lira necessitam de determinada tensão, a renascença dela também necessitou.

Assim, o pêndulo move-se entre os extremos e seu movimento serve como força propulsora para todas as coisas. Bruno, de um lado e Aristóteles de outro, cada qual em seu tempo e em seu momento, impulsionaram o pensamento humano na busca do conhecimento, de si mesmos e do mundo.

A "verdade", sempre indomável, foge dos limitados sistemas e, com sua fuga, traz a outros corações a esperança de um dia poder encontrá-la neste universo infinito em que o eterno estado de mudança é a única constância.

Bruno movia-se dentro de deus e era também o próprio deus, segundo seu sistema. Mesmo aqueles que estão acostumados a ver deus fora da criação e como um deus vingativo, um dia perceberão que a corrente que prende-os a esta idéia também está condenada a ser livre. Bruno deu o alerta ao enfrentar os escolásticos.

O filósofo é este agente destruidor das correntes que estão colocadas nas portas dos miseráveis. Mas, como todas as coisas passam, seus pensamentos também

passarão, para renascerem adiante, renovados, re-trabalhados, neste eterno fluir das coisas.

Bom para Bruno, bom para Aristóteles, bom para todos que as coisas assim sejam.

Autor: Sérgio Peixoto Mendes

Contato: philoterapia@uol.com.br

Texto Disponível em 27/11/2006